

MEIA-NOITE EM PEQUIM

PAUL FRENCH

MEIA-NOITE EM PEQUIM

Tradução de
EDUARDO SILVA



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2013

Para os inocentes

Para a Pamela

O vento do Norte veio na noite, o gelo cobre as águas:
quando a nossa irmã mais nova desaparece nunca mais volta.

Música tradicional das pessoas do canal do Norte da China

Cortado está o ramo que reto poderia ter crescido.

Cristopher Marlowe, *Doutor Fausto*

Não é preciso acreditar numa fonte sobrenatural do mal: o homem,
só por si, é capaz de toda a maldade.

Joseph Conrad, *Under Western Eyes*

De dia os espíritos-raçosa de Pequim permanecem escondidos e imóveis. Mas à noite vagueiam incessantemente pelos cemitérios e pelas necrópoles, a exumar corpos e a balançar as caveiras sobre as suas cabeças. De seguida devem curvar-se perante Tou Mu, a deusa da Estrela do Norte, que comanda os livros da vida e da morte que contém os antigos mistérios celestiais da longevidade e da imortalidade. Se as caveiras não cambalearem e não caírem, os espíritos-raçosa – ou hu-li jing, 狐狸精 – viverão durante dez séculos e, para se alimentarem e recuperarem energia, terão de procurar vítimas, com astúcia e conivência, caçando mortais inocentes. Depois de seduzirem as vítimas que elegem, os espíritos amam-nas até à morte. De seguida batem com as caudas no chão, faiscando, e desaparecem, deixando para trás apenas um corpo...

A TEMPESTADE APROXIMA-SE

A zona oriental da antiga Pequim foi dominada, desde o século xv, por uma enorme torre de vigia integrada na Muralha Tártara, que protegia a cidade dos invasores. Conhecida como Torre Raposa, acreditava-se que estava assombrada por espíritos-raposa, superstição que determinava que durante a noite o lugar ficasse deserto.

Depois de escurecer, a área tornava-se uma reserva para os milhares de morcegos que viviam nas cornijas da Torre Raposa e que voavam ao luar como sombras gigantescas. A outra única presença viva eram os cães vadios cujos uivos mantinham os residentes acordados. Nas manhãs de inverno o vento fustigava as mãos e os olhos descobertos, porque trazia poeira do vizinho deserto de Gobi. Nessa época do ano, poucas pessoas se aventuravam a ir para a rua cedo, preferindo o calor da cama.

Mas na alvorada do dia 8 de janeiro de 1937, uns puxadores de riquexó que passavam no topo da Muralha Tártara, que era suficientemente larga para se andar a pé ou de bicicleta, viram luzes de lanternas e vultos que se moviam junto à base da Torre Raposa. Sem tempo nem vontade para pararem, continuaram a rotina, de cabeça baixa, um pé à frente do outro, evitando os espíritos-raposa que andavam à solta em busca de vítimas.

Quando o Sol nasceu para mais um dia gelado, a torre estava de novo deserta. O bando de morcegos voou uma última vez em círculo antes do sol lisonjeiro os reenviar para as cornijas. Mas no descampado entre a estrada e a torre, os cães vadios – os *huang gou*, ou cães amarelos – circundavam curiosos, a farejar junto a uma vala.

Era o corpo de uma jovem, deitado num ângulo estranho e coberto por uma camada de gelo. Tinha a roupa desalinhada e o corpo severamente mutilado. No pulso usava um relógio caro que parara imediatamente depois da meia-noite.

Era a manhã seguinte ao Natal russo, treze dias depois do Natal ocidental de acordo com o antigo calendário juliano, e o corpo era de Pamela Werner, uma inglesa com dezanove anos que tinha nascido e crescido em Pequim. Quando a notícia do homicídio se espalhou propagaram-se ondas de terror na inquieta comunidade estrangeira da cidade.

Pequim tinha, na altura, uma população com cerca de um milhão e meio de habitantes, dos quais apenas dois ou três mil eram estrangeiros. Formavam um grupo heterogéneo, desde cônsules obstinados e do seu pessoal diplomático até russos miseráveis. Estes últimos, depois de fugirem da sua terra natal para escaparem aos bolcheviques e à revolução, eram agora oficialmente apátridas. Pelo meio havia jornalistas, alguns homens de negócios e uns antigos sinólogos que viviam em Pequim desde a dinastia Qing e que sentiam que nunca poderiam partir. Havia ainda o ocasional viajante que ficava prolongadamente depois de uma excursão ao oriente, que tinha vindo para passar duas semanas mas permanecia durante anos, bem como os refugiados da Grande Depressão na Europa e na América, que procuravam uma oportunidade e uma aventura. E não faltavam criminosos estrangeiros, demónios da droga e prostitutas que de alguma maneira tinham chegado às praias do Norte da China.

Na sua maioria, os residentes estrangeiros de Pequim juntavam-se dentro e à volta de um pequeno enclave conhecido como o Bairro das Legações, onde as grandes potências da Europa, a América e o Japão tinham as suas embaixadas e consulados – instituições que eram conhecidas por legações. Com apenas um quilómetro quadrado, o Bairro das Legações, rigorosamente circunscrito, era protegido por portões imponentes e por sentinelas armadas que faziam sinal para abrandar aos puxadores de riquexó que passavam, para serem revistados. Lá dentro era um paraíso ocidental ao nível arquitetónico, comercial e de lazer – uma profusão de discotecas, hotéis

e bares iguais aos que se podiam encontrar em Londres, Paris ou Washington.

Tanto os habitantes chineses como os estrangeiros de Pequim viviam há algum tempo no caos e na incerteza, embora no Bairro das Legações, à primeira vista, a calma parecesse prevalecer. Desde a queda da dinastia Qing, em 1911, que a cidade estava à mercê de sucessivos senhores da guerra corruptos. Oficialmente, a China era dominada pelo Kuomintang, ou Partido Nacionalista, sob a liderança de Chiang Kai-shek, porém, o governo disputava o poder com os senhores da guerra e os seus exércitos privados, que controlavam territórios do tamanho da Europa Ocidental. Pequim e o Norte da China era uma região em constante mudança, ora dominada pelo governo ora por diversos senhores da guerra.

Só entre 1916 e 1928, sete senhores da guerra tomaram e abandonaram Pequim. Depois de conquistarem a cidade, cada um procurava superar o seu antecessor, com uniformes mais luxuosos, com mais arminho e entrançados. Todos se consideravam imperadores, fundadores de novas dinastias, e todos comandavam exércitos de dimensões consideráveis. Um deles, Cao Kun, comprara o seu acesso ao poder a subornar funcionários com grandes quantias de dólares de prata roubados, pois, na China, nenhum funcionário confiava em notas. Outro senhor da guerra, Feng Kuo-chang, fora violinista em bordéis antes de se declarar ilegalmente presidente de toda a China. Eles e os seus pares aterrorizavam a cidade, sangrando-a até à exaustão.

Os senhores da guerra também geravam destruição noutras partes da China, mas os autodenominados Senhores da Guerra do Norte eram os mais problemáticos e a sua recompensa era Pequim. Depois de Xangai e Tientsin, era a cidade mais rica da China. Contudo, ao contrário dessas, Pequim não era um porto aberto – lugares conquistados à dinastia Qing pelas potências europeias no século XIX. Aí, os estrangeiros faziam a sua administração própria e construíram impérios mercantis apoiados nas suas próprias polícias, exércitos e armadas. Pequim, pelo menos por enquanto, ainda era território chinês.

Mas já não era a capital, deixara de o ser em 1927. Nesse ano, o Generalíssimo Chiang Kai-shek, incapaz de pacificar os Senhores da Guerra do Norte e na sua luta para fortalecer a sua frágil liderança do Kuomintang, tinha transferido a sede do governo para Nanquim, a cerca de mil e cem quilómetros para sul. Daí lançou a Expedição do Norte, uma campanha militar em que tentou neutralizar tanto os senhores da guerra como o emergente mas incómodo Partido Comunista, de modo a unir a China sob o seu comando. Foi apenas parcialmente bem-sucedido.

Entretanto, Pequim era administrada pelo Concelho Político Hopei-Chahar, liderado pelo general Sung Cheh-yuan, comandante do 23.º Exército do Kuomintang. O general Sung, com grande reputação no comando de tropas, permaneceu fiel ao governo de Nanquim mesmo depois da chegada de um novo protagonista na luta pelo controlo da China: o Japão.

Em 1931, os japoneses, com o pretexto de alcançarem a muito sonhada Esfera de Coprosperidade da Grande Ásia Oriental, invadiram a Manchúria, no Nordeste chinês. De seguida reforçaram a região com mais tropas, preparando-se para avançarem para sul e conquistarem todo o país. Em 1935, o Japão estabeleceu o Conselho Autónomo de Hebei Oriental, para governar o território que ocupara, e que agora se estendia até à fronteira com a Coreia, que também era uma colónia japonesa. Contudo, havia constantes escaramuças entre as tropas japonesas e os camponeses chineses, que resistiam ao roubo das terras. Ainda mais a norte, agentes provocadores japoneses desencadeavam um sentimento antichinês na Mongólia.

O general Sung fazia acordos verbais com os japoneses e simultaneamente resistia às suas exigências para entregar a cidade, mas o Concelho Político Hopei-Chahar era demasiado fraco e corrupto para evitar a invasão das tropas inimigas. Estas foram cercando Pequim e, no início de 1937, tinham já instalado o seu acampamento principal a poucos quilómetros da Cidade Proibida. Havia diariamente atos de provocação, e as estradas e os caminhos-de-ferro que

entravam e saíam da cidade estavam cortados. Assassinos japoneses a soldo, conhecidos como *ronin*, transportavam, às claras, ópio e heroína através da Manchúria até Pequim. Isto acontecia com a conivência de Tóquio e fazia parte de um plano para minar a combatividade de Pequim e destabilizar a cidade. Os *ronin*, outros agentes japoneses e colaboradores coreanos vendiam os narcóticos infiltrados nos Baldios de Pequim, um aglomerado de bares, bordéis e casas de ópio mesmo junto à base das potências estrangeiras no Bairro das Legações.

No Bairro das Legações os estrangeiros privilegiados procuravam a todo o custo manter a sua aparência europeia apesar da inclemência da tempestade que se levantava no exterior – em Pequim, no Norte ocupado pelos japoneses, e no Sul da China, com quatrocentos milhões de pessoas governadas pelo Kuomintang. Oficialmente, os chineses não podiam residir no Bairro, apesar de, em 1911, vários eunucos ricos se terem mudado para lá – estes antigos servos de imperadores e de imperatrizes tinham sido expulsos da Cidade Proibida depois da queda da dinastia Qing. Nos anos 20, alguns senhores da guerra seguiram-lhes o exemplo.

No apogeu do Bairro das Legações a maior parte dos residentes estrangeiros considerava-se prisioneira, mas, se esta área vedada e guardada era mesmo uma prisão, então era, sem dúvida, uma prisão dourada com infindáveis jogos de *bridge* para passar o tempo. Encaixadas entre as legações havia discotecas privadas, grandes hotéis e estabelecimentos comerciais. Havia uma estação dos correios franceses, e os grandes edifícios do Yokohama Specie Bank, do Banque de l'Indochine, do Russo-Asiatic, e do Hong Kong and Xangai Bank.

Era a Europa em miniatura, com toponímia europeia e rede elétrica de iluminação pública. A igreja católica de St. Michael dominava a esquina da Rua Marco Polo com a Rua da Legação, e esta última era também morada do Hospital Alemão, onde as enfermeiras – irmãs de São Lázaro – serviam café e bolos aos seus doentes privilegiados. Os residentes dos prédios de apartamentos à europeia iam às compras aos Armazéns Kierluff, que vendiam perfume, comida

enlatada e café. A Sennet Frères tinha reputação de ser a melhor joalheria do Norte da China, e Hartung era o dono do melhor estúdio de fotografia, enquanto um francês detinha uma livraria e outro, uma pastelaria. Os empregados do La Violette, o melhor salão de beleza, eram esteticistas russos. Havia também uma força policial estrangeira, e guarnições para aproximadamente quinhentos militares estrangeiros estacionados em Pequim.

Oito portais, todos com enormes portas de ferro, marcavam as entradas no Bairro e eram controladas, de dia e de noite, por guardas armados. Os chineses precisavam de um passe especial ou de uma carta de ingresso para entrar neste santuário. O número da licença dos puxadores de riquexó era apontada, e estes tinham de sair assim que deixavam o cliente. Ao primeiro sinal de distúrbios na parte chinesa de Pequim, os portões eram fechados – o cerco mortífero que ocorrera durante a Guerra dos Boxers não se iria repetir.

A memória dos Boxers ainda pairava sobre o Bairro das Legações. Em 1900, a Sociedade dos Punhos Harmoniosos e Certeiros, denominados Boxers, invadiram o Bairro com a intenção de massacrar todos os *yang guizi* – diabos estrangeiros – da capital, e mostrar que a China podia combater a invasão das tropas e dos navios de guerra ocidentais. Já tinham decapitado missionários que trabalhavam em missões remotas e, à medida que se aproximavam de Pequim, os seus apoiantes aumentavam, em parte devido aos rumores de que possuíam artes marciais mágicas e de que as balas não os poderiam ferir.

Os Boxers mantiveram a comunidade estrangeira cercada dentro do Bairro das Legações durante cinquenta e cinco dias. Atearam fogo em volta dos seus limites, dispararam canhões contra as legações, e tentaram fazer os habitantes passar fome até que desistissem. O cerco acabou por ser levantado graças aos esforços de oito exércitos estrangeiros, incluindo os da Inglaterra, América e Japão. Após libertarem o Bairro, as tropas desencadearam uma horrível chacina, saquearam a cidade e aterrorizaram Pequim. Com o dinheiro chinês apreendido, o Bairro das Legações fora reconstruído

ainda maior do que era; a sua área fora alargada e estava muito mais bem protegida.

Para a maioria dos chineses o Bairro era uma segunda Cidade Proibida, enquanto para os estrangeiros que nos anos 30 lá viviam era um santuário, embora por vezes dentro dos seus confins claustrofóbicos se sentissem, como referiu um jornalista visitante, como «peixes num aquário», a nadarem «às voltas... serenos e com os olhos vidrados».

Os rumores eram habituais no Bairro. As conversas começavam por quem tinha o melhor *chef* e quem estava prestes a voltar a casa, depois de uma muito desejada licença, e logo degeneravam para quem tinha arranjado um caso com quem nas corridas de cavalos ou para a mulher casada que se aproximava demais de um dos guardas da legação. Por vezes até se mencionavam temas mais sombrios, coisas para além das indiscrições comuns. Algumas pessoas, ou pelo menos assim se pensava, perdiam a noção de moralidade no Oriente.

E havia muitos locais para se espalharem rumores. As discotecas e bares privados eram viveiros de intrigas e mexericos. No sufocante e muito britânico Clube de Pequim o traje de cerimónia era obrigatório. Empregados silenciosos serviam uísque com soda em bandejas, a cacofonia de Pequim no exterior era sufocada por janelas cobertas com grossos cortinados de veludo, e havia à venda cópias já com dois meses das revistas *Times* e *Pall Mall Gazette*. No bar chique do Grand Hôtel de Pékin, uma multidão respeitável saboreava bebidas extravagantes e dançava ao som de uma banda italiana que tocava valsas.

O mais vulgar Hotel du Nord, na orla dos Baldios, tinha um bar a abarrotar que servia cerveja a copo, elegantes *cocktails Horse's Neck* e *dry martinis* de *gin*. Aqui os clientes habituais eram mais indisciplinados – a palavra correta era «miscigenados» – e dançavam *fox trot* ao som de uma banda de *jazz* de músicos russos. E depois havia o Grand Hôtel des Wagons Lits.

O Wagons Lits era um grande hotel ao estilo francês, no interior do Bairro, junto à esquina das ruas da Legação e do Canal. Próximo

da principal estação ferroviária da cidade, era um conhecido local de convívio e ponto de encontro durante o dia, famoso pela clientela diplomática e, durante a noite, pelas belas jovens. Às vezes, juntavam-se à multidão alguns chineses bem relacionados, ou os filhos de abastados homens de negócios locais que tinham acabado de chegar de Paris ou de Londres. O Wagons Lits sempre fora um local para se conversar. Havia mesas afastadas da pista de dança, longe da banda que tocava despreocupadamente para os convidados. Era o «sítio» indicado para encontrar os sinólogos.

Contudo, ultimamente, os hotéis e discotecas outrora cheios andavam um pouco esmorecidos, chegando mesmo a estar meio-vazios. De facto, o Wagons Lits e outros lugares da noite estavam fora de moda, tal como o próprio Bairro das Legações. Xangai tinha melhores bares, tinha tudo muito melhor. O dinheiro fugira para outro sítio, o centro do poder deslocara-se, o governo chinês tinha saído há mais de uma década. Pequim era uma relíquia, uma capital de outros tempos que se encontrava agora demasiado próxima da máquina de guerra japonesa. A cidade, os estrangeiros e as discotecas eram vítimas da história e da geografia.

Nestes dias, à porta do distinto Clube de Pequim, os puxadores de riquexó esperavam por clientes bem vestidos que nunca apareciam porque não tinham sequer chegado. Os diplomatas e os sinólogos ficaram, com a cabeça enfiada na areia, à espera de que a república nacionalista e os japoneses partissem, mas as legações tinham reduzido o pessoal. E os estrangeiros que podiam partir: os homens de negócios enviavam as mulheres e os filhos para casa, ou para as cidades relativamente calmas de Tientsin ou Xangai. Os chineses abastados mandavam as famílias para o Sul, para Cantão ou para a colónia inglesa de Hong Kong. Pequim já era um território perdido, só que os japoneses ainda não a tinham decidido tomar.

Para piorar ainda mais a situação, corria o rumor de que Chiang Kai-shek estava prestes a fazer um acordo com Tóquio. Chiang tinha travado uma luta interna longa e amarga para se tornar líder do Kuomintang, e a sua posição ainda era precária; não só tinha outros concorrentes políticos para vencer mas também os japoneses,

os senhores da guerra e os comunistas. Muitos acreditavam que sacrificaria Pequim para se salvar a si próprio: se os japoneses se deitassem no rio Yangtzé, restar-lhe-ia ainda tudo o que ficava para sul até Hong Kong; Chiang ficaria satisfeito com isso. Na realidade, ele já tinha reconhecido a ocupação do Nordeste da China por Tóquio quando, depois de constatar que era impossível expulsar de lá os japoneses, retirou em 1935 as suas tropas. Chiang já desistira do Norte, sussurravam os chineses – pois nunca se sabia quem estaria a ouvir –, ia vender Pequim e o Japão ia massacrá-los a todos.

Os cidadãos sentiam-se traídos, dispensáveis. O ambiente nas ruas, tanto estrangeiras como chinesas – nas *butong*, ou vielas, estreitas e apinhadas; nos mercados repletos onde os preços disparavam e a oferta de bens essenciais escasseava –, era uma mistura de medo e resignação. Dizia-se que quando chegasse o esforço final para conquistar a China, os japoneses iriam submeter a cidade pela fome. O fim aproximava-se, era só uma questão de tempo. As rotas comerciais de Pequim vindas do interior da China já estavam a ser cortadas. A Pequim chinesa estava a rebentar pelas costuras com camponeses das províncias circundantes que a ela acorreram, para fugir aos japoneses, aos senhores da guerra, à pobreza e aos desastres naturais. Deambulavam, e pensavam o que lhes reservaria o futuro. Deitavam-se cedo em casas cheias de gente para escaparem à escuridão e ao frio cortante, com a esperança de resistirem a mais um dia.

Quando a catástrofe finalmente chegasse, a China ver-se-ia forçada a lutar pela sua própria sobrevivência, naquele que seria um dos atos iniciais da Segunda Guerra Mundial. Mas, por agora, a Pequim estrangeira estava numa calma expectante, por vezes à beira do pânico, embora a embriaguez e a força do dólar de prata facilitassem a vida a muitos. Um americano ou um europeu ainda podia viver como rei nesta cidade, com uma vida cheia de criados, golfe, corridas de cavalos e fins de semana regados com champanhe nas Western Hills. A tempestade podia estar a aproximar-se, mas muitos estrangeiros

em Pequim preparavam-se para o desastre de forma muito confortável.

Era esta a situação nos meses que precederam o homicídio de Pamela Werner. Depois dele, a caça ao criminoso tomou conta, e de certo modo definiu, os frios e derradeiros dias da antiga Pequim.

O CORPO NA TORRE RAPOSA

Foi um velho chamado Chang Pao-chen quem encontrou o cadáver de Pamela Werner. Chang, um *laobaixing* – literalmente uma das centenas de antigas designações dadas aos trabalhadores de Pequim –, estava reformado e vivia numa *butong* perto da Torre Raposa. Naquela manhã fria de sexta-feira, 8 de junho, estava a passear o seu pássaro premiado ao longo da Muralha Tártara quando viu o corpo.

Ter aves em cativeiro era uma antiga tradição de Pequim, e todas as manhãs podiam encontrar-se idosos como Chang a transportarem gaiolas de madeira lacada cobertas por cortinas de linho azul. Todos os pequinenses, chineses e estrangeiros, reconheciam o som inconfundível destes pássaros, que eram libertados das gaiolas com apitos fixados às caudas para os fazerem ressoar no ar da manhã, enquanto se elevavam no céu das *butongs*, da Cidade Proibida e da Torre Raposa, antes de regressarem fielmente aos donos. Chang vinha todos os dias à Muralha Tártara para fumar, beber chá e falar de pássaros. O frio não o detinha, nem os ventos fortes de gelar os ossos. Era nascido e criado em Pequim, e estava habituado ao frio.

Naquela manhã, pouco passava das oito, estava na Muralha Tártara a dirigir-se para nascente em direção à Torre Raposa, quando reparou em dois puxadores de riquexó acocorados, a apontarem para uma vala cheia de lixo, no descampado, junto à base da torre. A zona àquela hora da manhã estava sempre sossegada, e o que ali

estivesse não podia avistar-se dos carros que passavam na Rua da Cidade, uma paralela à muralha desde a Torre Raposa até ao Portão Ch'ienmen.

Chang aproximou-se atento aos *huang gou*, mas, embora os rafeiros mal-encarados tivessem uma reputação duvidosa, ele sabia que raramente atacavam humanos. Os cães, tal como muitos pequinenses pobres, estavam famintos, perdidos e desesperados enquanto Tóquio estrangulava progressivamente o abastecimento de bens alimentares e o comércio.

Mais tarde, quando o turbilhão de boatos começou a rodar, as descrições do que Chang viu foram comentadas e, à medida que a história se contava e recontava, a cena ia sendo amplificada. Mas não restava qualquer dúvida de que a mulher encontrada na base da Torre Raposa estava morta, e não era uma mulher qualquer mas uma estrangeira. Uma *laowai*. Além disso, fora terrivelmente mutilada – espancada, cortada e esquartejada no corpo todo.

Embora nesse inverno, com a economia da cidade em colapso, fossem usuais os cadáveres a céu aberto, o velho Chang estava chocado. O suicídio também quase se tornara uma epidemia e os pulsos cortados ou o ópio eram os métodos mais usuais para acabar com o sofrimento. Todas as manhãs, ao nascer do dia, a cidade enviava carretas para recolherem os corpos congelados.

Além disso, os assassinatos políticos tinham aumentado. Os membros do Kuomintang e a polícia secreta entravam em conflito com os vira-casacas chineses que acreditavam que a conquista de Nanquim e de Pequim por parte dos japoneses era inevitável e que se preparavam para estarem bem posicionados desde o início da ocupação. Havia também tiroteios entre facções rivais, e ultrajes cometidos pelos *ronin* japoneses e pelos seus aliados do Norte, os coreanos.

Mas o velho Chang nunca encontrara um cadáver assim. Em jovem, vira a cidade ser devastada e saqueada pelos exércitos estrangeiros que tinham vindo para destroçar os Boxers, e, nessa altura, nos anos 20, vira expostas as cabeças dos senhores da guerra. Agora havia uma outra guerra em Pequim, entre os nacionalistas, os comunistas e os agentes japoneses – os jornais todos os dias falavam disso.

Mas uma mulher branca morta era demais. Estrangeiros mortos era um fenômeno particularmente raro nas ruas de Pequim.

Chang Pao-chen lembrou-se de que numa noite fria de inverno, em 1935, um emigrante russo tinha ido até à Torre Raposa e tirado do seu casaco puído uma requintada faca afiada com cabo de marfim. Arregaçara as mangas e cortara os dois pulsos, tombando para o chão, junto à torre da muralha, enquanto a vida se esvaía lentamente. De manhã, fora encontrado por puxadores de riquexó.

Seria isto outro suicídio? Não parecia, e fosse o que fosse, não era bom. Com a ave engaiolada, o velho Chang correu ao longo da Muralha Tártara, tão rápido quanto as suas velhas pernas permitiam, até ao posto da polícia mais próximo.

狐狸精

Edward Werner e a filha viviam numa *butong* na Cidade Tártara de Pequim, junto ao Bairro das Legações, numa casa tradicional chinesa, com pátio. Se alguém observasse o seu quotidiano, no início do ano de 1937, não diria que a China estava à beira do colapso. O dia-a-dia parecia agradável e privilegiado, mais assente nas tradições inglesas do que nas chinesas, apesar de Werner, um viúvo, ter optado por evitar o mundo demasiadamente europeu do Bairro.

Numa cidade com bastantes sinólogos, Werner era talvez o mais notável, tendo vivido e trabalhado na China desde a década de 1880. Enquanto académico e ex-cônsul britânico, a sua história era bem conhecida. Os seus livros eram muito lidos e traduzidos e as suas palestras para a Real Sociedade Asiática e para a *Things Chinese Society*, complexas mas muito reputadas, tinham uma audiência considerável. Escrevia também artigos sobre cultura, tradição e história chinesas para os jornais locais, e a sua experiência e conhecimento tornaram-no um convidado muito assediado. Porém, raramente, ou nunca, aceitava convites sociais, preferindo levar uma vida de solidão e de estudo.

De momento, Werner tinha um cargo na Universidade de Pequim, onde por vezes dava palestras, e era também o único estrangeiro que fazia parte do *Historiographical Bureau*, organismo governamental chinês. Contudo, trabalhava sobretudo em casa, na sua casa

no número um da Alameda da Fábrica de Armaduras, perto da Torre Raposa. Apenas um antigo canal e a sua população de patos barulhentos os separavam. Outrora parte do Grande Canal da China, estava agora demasiado assoreado para permitir a passagem dos barcos de cereais, e transformara-se numa lixeira malcheirosa.

A Alameda da Fábrica de Armaduras, conhecida pelos chineses como Kuei Chia Chang, ficava junto das antigas salas de exames imperiais e de várias fábricas de papel, pequenos negócios de família, que tinham dado o nome de Bairro dos Papeleiros ao conjunto de ruelas espremidas contra a Muralha Tártara. A alameda era ladeada por plátanos e tinha durante o dia um movimento constante, a começar pelos criadores de pássaros que passeavam com as gaiolas tapadas, seguidos por vendedores ambulantes que apregoavam os serviços, criados que traziam mantimentos dos mercados, pessoas que iam e vinham de táxi e de riquexó, e vendedores de comida. Era uma rua que só poderia ter existido em Pequim, e que tinha mais de mil anos.

Tornara-se cada vez mais comum os estrangeiros residirem fora do Bairro das Legações. Os senhorios tinham criado locais que permitiam aos inquilinos viverem à chinesa mas com todos os confortos modernos. E havia um número crescente de pessoas que simplesmente não tinham possibilidades de viver no Bairro, tais como os russos que tinham fugido da União Soviética e que posteriormente se tinham mudado para sul, oriundos de Harbin ou de outras cidades do Norte da China que tinham sido ocupadas pelos japoneses. Também se registara uma afluência mais recente de judeus europeus que escapavam à perseguição da Alemanha nazi.

Embora a maioria destes exilados se dirigisse para Xangai, Pequim também via os seus números aumentarem, e muitos estavam arruinados, sendo forçados a viver na extensa e habitualmente fedorenta Cidade Tártara ou na orla dos descampados, em hospedarias com condições precárias. Arranjavam trabalho como porteiros, *bar-men*, *croupiers*, prostitutas e proxenetas, ou viviam de esmolas. Na generalidade, a comunidade europeia e as autoridades no Bairro das Legações tentavam ignorá-los; estes estrangeiros «de segunda» eram

considerados uma ameaça para o bom nome dos ocidentais em Pequim e desejava-se que se mudassem para Xangai. Até lá, o melhor era fingir que não existiam.

A Alameda da Fábrica de Armaduras, apesar de se encontrar na Cidade Tártara, não era certamente lugar para estrangeiros pobres. Ao longo dos dois lados da alameda, por trás de portões decorados, ficavam as residências cinzentas com pátios, ou *sibeyuan*. A casa de Werner fora construída com uma orientação tradicional norte-sul, com um degrau na entrada para afastar os fantasmas. No pátio havia uma glicínia centenária que trepava pelas paredes e um choupo muito antigo no meio de um pequeno empedrado. Werner alugou a casa ao seu proprietário chinês e, apesar de velha, tinha sido equipada com luzes elétricas, uma luxuosa casa de banho, um esquentador, canalização moderna, aquecimento a vapor e vidros nas janelas em vez do habitual papel.

A casa tinha um cozinheiro, uma empregada que fora a ama da Pamela quando esta era mais nova, e o rapaz favorito de Werner – um termo usado no mundo dos estrangeiros na China –, que era na verdade um homem com cerca de quarenta anos. Era o motorista de Werner há muitos anos e era o chefe dos empregados da casa. Havia ainda um porteiro que era responsável pela segurança e pela manutenção da propriedade e também ele já estava com a família há muito tempo. Com a exceção do cozinheiro, todos os empregados viviam na casa.

Na rua havia casas maiores do que a de Werner. A melhor pertencia ao doutor E. T. Nystrom, um geólogo sueco rico que sabia o tamanho das reservas chinesas de aço e carvão, aproximadas à tonelada, e que usara parte da sua fortuna para fundar o Nystrom Institute for Scientific Research na cidade remota de Taiyuan, na província de Shanxi. Quando estava na cidade era cliente do bar do Clube de Pequim, contudo, passava metade do ano na Suécia com a sua bela mulher, que recusava mudar-se para Pequim.

Durante a sua ausência, o doutor Nystrom alugava parte da casa a dois jovens americanos, o autor e jornalista de esquerda Edgar Snow e a sua ferosa e atraente mulher, Helen Foster Snow, que também era uma conhecida jornalista. Os Snow eram dos estrangeiros